

A grande saúde em Nietzsche

The great health in Nietzsche

RESUMO

Um dos temas mais candentes da filosofia de Nietzsche diz respeito à dialética entre os conceitos de saúde e doença. Em boa medida, podemos dizer que o objetivo maior de sua obra é o diagnóstico de uma doença cultural e, por consequência, uma terapia filosófica para o mal identificado. Para isso, Nietzsche defende que é preciso conhecer o passado para poder se afastar dele. Nesse sentido, o autor propõe uma investigação criativa e inovadora com relação ao passado de nossas instituições culturais e intelectuais para que seja possível uma superação de preconceitos. Como guia dessa reconstrução histórica, Nietzsche propõe o livre questionamento e, sobretudo, um pensamento que leve em conta a própria natureza como condição de possibilidade. Assim, Nietzsche coloca a vida humana em sua concretude como princípio orientador da história da cultura. Sobre este aspecto, Nietzsche defende uma historiografia rejuvenescida e uma filosofia capaz de romper com a repetição de tradições identificadas como doentias. A proposta aqui é a de refazer brevemente esse percurso da filosofia nietzschiana a partir de dois textos fundamentais, a saber, *A genealogia da Moral* e *Ecce homo*. Além desse material, levaremos em conta os estudos, principalmente, de Karl Jaspers e Jean Lefranc sobre a filosofia de Friedrich Nietzsche. No final da discussão, será mencionada a questão do impacto da noção de saúde em Nietzsche para o problema da biopolítica no século XX. Nesse caso, a principal fonte é o trabalho do filósofo italiano Roberto Esposito.

Palavras-chave: Nietzsche, F. Saúde. História.

ABSTRACT

One of the most vivid questions from Nietzsche's philosophy is the dialectic between the concepts of health and disease. In a reasonable sense, we can say the foremost goal in Nietzsche's thought is the diagnostic of cultural and historic

* Doutor pela USP e professor da UFPI.

disease such as moral prejudices. The main line, thus, would be the use of a new way to look towards the past in order to overcome philosophically the present's cultural mistakes. Nietzsche defends this historiographical innovation should be led by free and creative questioning and should take nature and human life in its concreteness as the only possible frame. The goal here is to offer a consistent account of this idea following from two fundamental texts: *The moral's genealogy* and *Ecce homo*. We also will take two recognized studies about Nietzsche as theoretical subsidies namely the celebrated Karl Jaspers's book about Nietzsche and the more recent account by Jean Lefranc. By the end of the discussion the importance of nietzschian approach to health and disease to the contemporary debate on biopolitics should be mentioned. In this case, some of the arguments by the italian philosopher Roberto Esposito will be the main source.

Keywords: Nietzsche, F. Health. History.

Introdução

O pensamento de Nietzsche é um pensamento de combates. Seus horizontes são múltiplos, suas perspectivas movediças e de difícil apreensão, mas são horizontes sempre voltados para as guerras filosóficas¹ (NIETZSCHE, 2015, p. 29). Expressões tão características do repertório de Nietzsche como, 'apolíneo', 'dionisíaco', 'afirmação da vida', *décadence* podem adquirir uma conotação mais circunscrita se imaginarmos um cenário de batalhas em que essas ideias se apresentam e lutam entre si. Dessas grandes batalhas que animam a filosofia de Nietzsche, podemos destacar a luta entre a 'grande saúde' e a 'doença'. Tanto do ponto de vista fisiológico, que em Nietzsche não é uma questão menor, quanto do ponto de vista da moral e da política, a dialética dos conceitos de saúde e doença no interior mesmo da obra de Nietzsche possui um papel cuja relevância não se disputa. Pensadores importantes do século XX como Georges Canguilhem e Michel Foucault, para citar apenas dois, foram influenciados pelo olhar nietzschiano em direção a saúde. Tendo em vista, portanto, a centralidade da noção de saúde em Nietzsche, propomos aqui uma discussão sobre o tema. Para realizar a tarefa, nosso recorte se restringe a duas das mais conhecidas obras de Nietzsche, a saber, *A genealogia da moral* e *Ecce homo*. Para além desses dois trabalhos originais do pensador alemão, utilizaremos material de comentadores e especialistas que já se dedicaram a essa temática.

¹ O próprio Nietzsche ressalta no *Ecce homo*: "Sou por natureza guerreiro. Agredir é parte de meus instintos. Poder ser inimigo – isso pressupõe talvez uma natureza forte, é em todo caso condição de toda natureza forte. Ela necessita de resistências, portanto, busca resistência: o *pathos* agressivo está ligado tão necessariamente à força quanto os sentimentos de vingança e rancor à fraqueza [...] todo crescimento se revela na procura de um poderoso adversário – ou problema: pois um filósofo guerreiro provoca também os problemas ao duelo" (2015, p. 29).

O papel do diagnóstico histórico e cultural

O descomunal esforço filosófico de Nietzsche, pode-se afirmar, teve por objetivo compreender sua própria época. Entender como o homem moderno se tornou o que é deveria resultar em uma consciência genuína das condições da época presente, daí as recorrentes críticas de Nietzsche à erudição vazia². Para ele, o olhar histórico tem por objetivo a tomada de consciência e a denúncia de preconceitos ou crenças que, a rigor, sustentam as instituições modernas. O difícil trabalho de revisitar os pensamentos passados servem, em Nietzsche, para a percepção de erros presentes e o que o autor chama de *décadence* do homem moderno. Para evitar a decadência, então, é preciso propor uma espécie de engenharia reversa dos valores da cultura ocidental. Além disso, seria preciso evitar o equívoco de reconstruir a história como se ela fosse um grande bloco estático de nomes e datas, mais do que isso, seria necessário repensá-la³. A partir dessa prevenção metodológica, Nietzsche passa a defender que o conhecimento histórico tem como objetivo maior o diagnóstico de nossos erros e de nossa própria *décadence*. É quando surge, na *Genealogia da moral*, um autor preocupado em refazer o percurso da cultura ocidental para diagnosticar sua doença e, eventualmente, curá-la da enfermidade. Não são poucas as doenças diagnosticadas por Nietzsche na cultura moderna, mas as duas mais prementes atendem pelos nomes de 'cristianismo' e 'moral'.

Deste modo, filosofia e história concorrem para um só resultado, o diagnóstico cultural. É no solo da cultura e também do corpo, como veremos adiante, que se manifestam a decadência e a doença. O filósofo, portanto, tem a cultura de sua época e suas condições históricas como matéria prima. Entender esse processo já significa estabelecer o diagnóstico da doença de uma época e é, ao mesmo tempo, já se encaminhar para uma terapêutica. É o próprio Nietzsche que indica essa ideia na sua *Genealogia da moral* (NIETZSCHE, 2009, p.09):

Alguma educação histórica e filológica, juntamente com um inato senso seletivo em questões psicológicas, em breve transformou meu problema em outro: sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor 'bom' e 'mal'? e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indício de miséria, empobrecimento,

² Ainda no *Ecce homo*: "O erudito que no fundo não faz senão 'revirar' livros – acaba por perder totalmente a faculdade de pensar por si. Se não revira, não pensa. Ele responde a um estímulo (- a um pensamento lido), quando pensa, - por fim reage somente. O erudito dedica sua inteira ao aprovar e reprovar, à crítica ao já pensado – ele próprio já não pensa... O instinto de autodefesa embotou-se nele; de outro modo se protegeria dos livros" (1995, p. 45).

³ Sobre essa postura de Nietzsche acerca de como a pesquisa histórica deve ser feita com olhar filosófico, Jean Lefranc (2005) comenta a partir do tema da admiração de Nietzsche pelos filósofos pré-platônicos: "O retorno ao solo natal da filosofia não é a reprodução deste ou daquele dos grandes pré-socráticos. Nietzsche não busca reconstruir uma espécie de sistema do pensamento pré-socrático, como será talvez a tentação de Heidegger e de seus discípulos; ele pretende levar em consideração a personalidade, a individualidade de cada um deles, mesmo a do adversário assinalado de Heráclito, Parmênides cuja tese sobre o ser e o não-ser é relacionada com a dualidade kantiana do em-si e fenômeno [...] É inútil procurar o filósofo originário, do qual Nietzsche, filósofo do futuro, seria a simples repetição; é exatamente a pluralidade das teses pré-socráticas que designa a pátria, a terra dos ancestrais, cuja história múltipla da filosofia até os nossos dias não será jamais senão a nostalgia (p. 59).

degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? – Para isso, encontrei e arrisquei repostas diversas, diferenciei épocas, povos hierarquias dos indivíduos, especializei meu problema, das respostas nasceram novas perguntas, indagações, suposições, probabilidades: até que finalmente eu possuía um país meu, um chão próprio, um mundo silente, próspero, florescente, como um jardim secreto do qual ninguém suspeitasse [...].

Nesse excerto do prólogo da *Genealogia*, Nietzsche descreve o processo de amadurecimento de seu interesse sobre as condições históricas em que se deu a origem das concepções de bem e mal na cultura do ocidente. Desde a juventude, então, o filósofo se ocupava de questões históricas visando um diagnóstico e uma terapêutica respectivamente. Sondar, portanto, a história para identificar as razões por trás da “degeneração da vida” e, a partir deste momento, possibilitar um reflorescimento. O solo da pátria de que Nietzsche nos dá notícia em seu prólogo é, sobretudo, o solo das questões históricas e filosóficas.

Ainda sobre a importância da consciência histórica podemos resgatar as palavras do poderoso estudo de Karl Jaspers sobre Nietzsche (2015, p. 329):

O homem deixaria de ser homem sem história. Ele chega até si mesmo em cada uma de suas novas figuras por meio do fato de ele apreender o passado e se afastar dele, e por meio do fato de que ele sabe que é futuro. Por isso, ele precisa da história, a fim de – como Nietzsche desenvolve – conquistar a partir de grandes exemplos daquilo que foi possível para o homem coragem para o seu fazer atual, revolvimento de sua essência e consolo no fracasso (na história monumental); ele precisa dela, para perceber sua própria origem respectiva com uma piedade amorosa (na história antiquária); e ele precisa dela, a fim de superar o que apenas foi a partir dos impulsos fecundos de seu ser atual (na história crítica).

Outro aspecto que podemos ressaltar desse diagnóstico nietzschiano é como o filósofo lança seu olhar ao passado. Não se trata de meramente revisitar as fontes históricas para uma crítica elaborada e refinada. Ao contrário, esse reencontro com outras épocas deve ser feito a partir de novos questionamentos, novos olhares. Nesse momento podemos identificar um antipositivismo histórico em Nietzsche. Aqui ele se afasta principalmente de Ranke e defende uma maneira distinta para realizar a pesquisa ou o diagnóstico (NIETZSCHE, 2009, p.12):

O objetivo é percorrer a imensa, longínqua e recôndita região da moral – da moral que realmente houve, que realmente se viveu – com novas perguntas, com novos olhos: isto não significa praticamente *descobrir* essa região? Se para isso pensei no mencionado dr. Rée, entre outros, isto ocorreu por não duvidar que a natureza mesma das questões o levaria a métodos mais corretos para alcançar as respostas. Teria me enganado nisso? Meu desejo, em todo caso, era dar um olhar tão agudo e imparcial uma direção melhor, a direção da efetiva *história da moral*, prevenindo-o a tempo contra essas hipóteses inglesas que se perdem *no azul*.

Para conhecer o passado e diagnosticar o presente, Nietzsche prescreve uma reinvenção do olhar histórico. “Novas perguntas”, “novos olhos”, consistem eles no equipamento necessário para se conhecer o que há de doentio no pre-

sente. Mesmo que pudéssemos questionar sobre a possibilidade ou impossibilidade de se conhecer o que realmente houve, como defende Nietzsche acima, muitos historiadores dos dias atuais estariam de acordo com o autor acerca da necessidade de renovação constante do olhar historiográfico por meio de novas perguntas, sendo esta, sem dúvidas, uma das marcantes lições da *Escola dos Annales*. Nesse sentido, como defende esta antecipação nietzschiana é preciso um treinamento hermenêutico através da leitura do passado e através da mudança nas direções das perguntas.

Para ser capaz de identificar a doença, defende Nietzsche, é preciso ser historiador e filósofo. Deve-se indagar o passado evitando o vício dos filósofos de se pensar a-historicamente. Para ilustrar esse vício filosófico, Nietzsche apresenta os pensadores denominados por ele de “psicólogos ingleses”. A pesquisa histórica deles, segundo Nietzsche, já iniciava de maneira equivocada porque suas perguntas partiam já de valores intransigentes. Em outras palavras, quando os ingleses se perguntam sobre as origens da moral eles assim o fazem de posse já de seus próprios preconceitos morais. Vejamos como Nietzsche apresenta a ideia (2009, p.16):

Todos eles pensam, como é velho costume entre os filósofos, de maneira essencialmente *α-historica*; quanto a isso não há dúvida. O caráter tosco da sua genealogia da moral se evidencia já no início, quando se trata de investigar a origem do conceito “bom”. “Originalmente” – assim eles decretam – “as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram *uteis*; mais tarde foi *esquecida* essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido *costumeiramente* tidas como boas, foram também sentidas como boas – como se em si fossem algo bom. Logo se percebe: esta primeira dedução já contém todos os traços típicos da idiosincrasia dos psicólogos ingleses – temos aí “a utilidade”, o “esquecimento”, o “hábito” e por fim o “erro”, tudo servindo de base a uma valoração da qual o homem superior até agora teve orgulho, como se fosse um privilégio do próprio homem.

O que Nietzsche ressalta é que os historiadores britânicos decidiram investigar o passado já com as respostas prontas. Toda a investigação, nesse caso, obedeceria a uma concepção de bom ou mau pré-estabelecida. No horizonte dos pensadores britânicos, de acordo com Nietzsche, já se podia visualizar o resultado de suas pressuposições e preconceitos. O objetivo seria outro, seria o de suspender respostas e lançar questões que pudessem transformar nossa própria percepção do presente. Se Nietzsche está certo ou não com relação às ações ditas egoístas sempre será uma questão em aberto, um debate incandescente. Contudo, sua diretiva para o olhar histórico é no mínimo perspicaz.

Retornando ao tema do diagnóstico de uma condição doentia, portanto, contrariando à noção de saúde, depreendemos que qualquer diagnóstico de uma condição ameaçadora depende do teor do questionamento com relação ao passado. Depende, também, da criatividade de nossas perguntas às eras passadas. Para reconhecermos nossa doença e também o antídoto, poder-se-ia dizer, dependemos mais da criatividade ao propormos questões do que de um repertório fixo e imutável. Categorias como as de “utilidade”, “esquecimento”, “hábito”, de acordo com

Nietzsche, obscureceu a visada histórica dos ingleses. Sendo assim, Nietzsche propõe uma inovação nos rumos da pesquisa histórica.

A inovação de Nietzsche torna possível uma concepção distinta das ideias fundamentais da moral ocidental. A consequência dessa modificação no olhar histórico permite a Nietzsche vislumbrar os termos da sua grande tarefa, a transvaloração dos valores. Em todo caso, essa tarefa somente será assumida pelo pensador alemão após a percepção de que é possível imaginar historicamente as questões morais desde uma perspectiva que não seja exatamente a perspectiva religiosa. Residindo nela, na própria concepção moral da religião, a noção de doença contra a qual a grande saúde de Nietzsche se insurgirá.

Em todo caso, o que podemos apreender desta atitude ao mesmo tempo filosófica e historiográfica de Nietzsche é que, ele utiliza esses dois domínios culturais como bases fundamentais para uma medicina e uma terapia da cultura. É bem verdade que Nietzsche já enxerga na longa história da tradição outros médicos e “terapeutas” filosóficos, todavia, o que ele quer com seu questionamento criativo da tradição ocidental é corrigir, aprimorar, ultrapassar os tratamentos que já se nos apresentam como obsoletos.

É neste momento que podemos abordar com mais detalhes uma espécie de guia para a crítica nietzschiana da cultura ocidental, isto é, aquilo que os comentaristas apontam como o tema da “grande saúde” em Nietzsche. As questões passam a ser as seguintes: se há uma noção de saúde que o pensamento ocidental precisa resgatar, em que termos Nietzsche compreendeu e apresentou essa ideia? E ainda, colocando em perspectiva crítica o pensamento nietzschiano sobre a saúde, seria válido pensar dessa maneira ainda nos dias atuais?

A grande saúde

Em tese defendida em Portugal no ano de 2013, Maria Sofia Ferreira Faustino, alerta para o fato de que, embora os comentaristas em geral mencionem o tema da grande saúde como central no *corpus* nietzschiano, a expressão mesma aparece apenas cinco vezes em toda a obra publicada de Nietzsche. Contudo, mesmo se tratando de uma expressão que aparece muito discretamente nos textos de Nietzsche, tomado em contexto e tendo por referência outros termos relacionados a ideia de saúde e de doença, é possível assumir que esta dialética guiou as impressões mais decisivas desse filósofo sobre a cultura ocidental. Saudável e doente, portanto, são estados possíveis da cultura ocidental, em especial a europeia, cabe à filosofia e à história fornecerem a anatomia, a fisiologia e também a farmacologia necessária para a cura.

A esta altura podemos retomar a obra mesma de Nietzsche para que possamos identificar os termos de sua concepção de saúde. Neste caso, é necessário lembrar que a filosofia nietzschiana busca, em distintos e variados momentos, a afirmação da vida. Vida esta que se desdobra e tem como pano de fundo essencial a natureza. É neste sentido que, para Nietzsche, uma filosofia sensível com relação à vida em toda a sua riqueza e pluralidade deve ser uma filosofia em harmonia com a natureza. Sendo assim, a filosofia de Nietzsche afirma a vida a partir da natureza e todo e qualquer antinaturalismo deve ser combatido e desmentido. Em *Ecce Homo*, por exemplo, Nietzsche faz questão de ressaltar toda sua aversão

a qualquer tipo de idealismo que, segundo o autor, opera como conjunto de princípios sobretudo mentirosos. O idealismo, portanto, nega o valor da vida deturpando ou desmerecendo a vida em suas manifestações mais autênticas. O idealismo, em suas mais variadas formas, parte do que não existe e acaba por oferecer grandes mentiras. A pior das consequências do apego aos idealismos é a negação da natureza e da vida como são em seus respectivos esplendores.

Podemos inferir, então, que o retrato filosófico que Nietzsche propõe é, acima de tudo, um retrato que busca explicitar a vida a partir de seus traços naturais sem quaisquer falsificações. É a natureza que deve guiar o diagnóstico filosófico, é a vida que deve objetivar qualquer medicina da cultura. Como terapeuta, Nietzsche apresenta como tradução de seu amor à vida o sentimento trágico dos gregos, o dionisismo em toda sua paixão e força criadora. Vejamos no *Ecce Homo* (NIETZSCHE, 2015, p. 61) :

O dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos – a isto chamei dionisíaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico. Não para livrar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de um perigoso afeto mediante uma veemente descarga – assim o entendeu mal Aristóteles -, mas para além do pavor e da compaixão, ser em si mesmo o eterno prazer do vir a ser – esse prazer que traz em si também o prazer no destruir [...]”. Nesse sentido, tenho o direito de considerar-me o primeiro filósofo trágico – ou seja, o mais extremo oposto e antípoda de um filósofo pessimista.

O percurso que traçamos até o momento nos apresenta a seguinte possibilidade de compreensão: a noção de saúde em Nietzsche está intimamente ligada à afirmação da vida, ao amor à vida em sua realidade no sentido forte, no sentido natural; o sentimento dionisíaco é, para Nietzsche, a representação mais autêntica de uma compreensão criativa do conceito de saúde, de uma grande saúde.

Em boa medida, podemos dizer que a concepção de saúde em Nietzsche é, acima de tudo, uma saúde trágica. O espírito dionisíaco que marca a tragédia grega exerce uma atração decisiva no autor do *Nascimento da tragédia*. Como Jean Lefranc observa, o destaque que Nietzsche oferece ao embate de Dionísio e Apolo na cultura grega antes do surgimento da filosofia socrática contém o germe de toda a sua produção filosófica. Sendo assim, como podemos caracterizar o espírito dionisíaco em Nietzsche? Em primeiro lugar, evitando o apresentar como uma categoria meramente mítica ou estética. Mais do que a performance do culto religioso e mais do que a admiração que os modernos acalentaram pela arte grega, Nietzsche toma o dionisíaco como a realização da humanidade em todo seu vigor de criação e também de conciliação com a natureza. O sair de si no culto dionisíaco, esse êxtase vital é, na filosofia de Nietzsche, a saúde que os gregos trágicos possuíam e que a filosofia socrática sepultou. Com Sócrates, o ocidente sacrifica a saúde da tragédia em nome da razão. Com o florescimento da razão filosófica, então, a cultura ocidental passa a enaltecer o ideal da racionalidade negando a vida realmente existente, uma vida que abraçava o destino e não se envergonhava de transpor vigorosamente as barreiras e fronteiras da existência acorrentada. O espírito dionisíaco da tragédia grega é esse lançar-se em direção aos horizontes, um sair de si que requer a coragem que a vida exige. Esta seria a saúde que a fi-

losófia da cultura de Nietzsche busca, uma saúde marcada pelo encarar a realidade com os olhos de uma natureza fecunda e quer descortinar possibilidades. O ser saudável no sentido dionisíaco sai de si para conhecer e tornar-se si mesmo. Em um fragmento póstumo citado por Lefranc temos a dimensão dionisíaca explicitada por Nietzsche (2005, p. 70):

Pela palavra dionisíaco é expresso um impulso para a unidade, uma saída para fora da pessoa, do cotidiano, da sociedade, da realidade, acima do abismo do que acontece; o transbordamento apaixonado, doloroso, em estados mais obscuros, mais fortes e mais flutuantes; uma afirmação extasiada da vida como totalidade enquanto ela é igual a si mesma em toda mudança, igualmente poderosa, igualmente feliz; a grande participação panteísta na alegria e na dor que aprova e que santifica até os aspectos mais terríveis e enigmáticos da vida, a eterna vontade de gerar, de produzir e reproduzir.

Para Nietzsche, a doença cultural do ocidente tem início com Sócrates e se agrava de forma assustadora com a moral cristã. Tanto a filosofia que, em última instância, busca uma compreensão sistemática, justificada e racionalizada da realidade quanto a religião cristã que, por sua vez, nega a realidade do corpo e da vida realmente existente, dão origem a uma visão deturpada da própria vida. Eis a doença que uma filosofia sincera, tal como Nietzsche a quer, deve servir como medicamento.

Saúde e psicologia em Nietzsche

Para que não pare quaisquer ambiguidade: o tema da grande saúde em Nietzsche, embora não descarte de maneira alguma a saúde do corpo, diz respeito, principalmente, a uma saúde psicológica. Essa saúde psicológica está ligada a ideia de expansão de horizontes e possibilidades da existência humana. Em outras palavras, um modo de existência que dê vazão às possibilidades do ser humano é um modo saudável de existir. Por outro lado, uma existência marcada pela retração e pelo encolhimento de futuros demarca a existência doente. Sendo assim, qualquer doutrina que preconize a anestesia de si e o acordo com formas fixas e imutáveis de existência, em Nietzsche, precisa ser identificada e combatida pelo próprio sujeito.

Karl Jaspers explora em profundidade essa ideia na filosofia de Nietzsche e não é preciso se esforçar muito para perceber que sua noção de psicopatologia é definitivamente influenciada pela perspectiva nietzschiana. O que Jaspers ressalta é o fato de que, na filosofia de Nietzsche, a expansão do ser humano e o desdobramento das possibilidades se opõe à aceitação de uma condição existencial fixa. Aqui, o abandono das possibilidades de si mesmo são idênticas à doença e o aniquilamento de si. Dito de outra forma, aceitar um destino que não é seu é o mesmo que aceitar uma forma animalésca de existir.

Trata-se, portanto, de uma visão sobre a natureza humana que leva em conta muito mais o que o homem pode fazer de si mesmo do que sobre como adotar posturas e tradições preexistentes. Poderíamos dizer que a ideia nietzschiana de uma natureza humanamente saudável é uma natureza essencialmente mutante e

em expansão. O homem saudável carrega essa plasticidade existencial consigo e elabora sua própria trajetória. Jaspers expressa essa concepção da seguinte maneira (2015, p. 178-179):

O fato de o homem ser “o animal ainda não fixado” designa sua mutabilidade quase ilimitadamente possível. Essa mutabilidade tem, em verdade, como primeiro impulso, a ele mesmo como origem, que quer produzir a si mesma na existência. Como existência psicologicamente visível, porém, essa origem e o ser humano que emerge dela se encontram em um primeiro momento em meio a opiniões fáticas determinadas, avaliações, estabelecimentos de metas em meio à regularidade dos acontecimentos e transposições psíquicas que são dedutíveis a partir daí. Essas se acham inteiramente em possibilidades contrapostas. A não fixação permite o esconder-se de um impulso por detrás dos outros e a inversão naquilo que a cada vez se mostra como o contrário. Aqui se desdobra a psicologia grandiosa de Nietzsche, essa psicologia descortinadora, em cuja manipulação ele era mestre e da qual, ao lado de Kierkegaard, toda a psicologia posterior desse tipo é dependente (e, com frequência, temos uma trivialização, uma repetição banal, um aproveitamento prático na resolução do pensamento conjunto, no qual ela se encontra em Nietzsche).

Dessa passagem, podemos inferir que Jaspers considera a filosofia de Nietzsche também uma psicologia. Conhecer a natureza humana é já viver na profundidade de um existir que se desdobra e se reinventa.

Atualmente, contudo, um dos domínios em que reverberam as ideias de Nietzsche sobre saúde e doença é o da biopolítica. Um dos autores que ressalta a importância de Nietzsche para o surgimento de uma biopolítica é o italiano Roberto Esposito. Para ele, quando Nietzsche decide romper drasticamente com idealismo e religião e se volta para a existência humana em sua concretude corpórea, ele descortina dois horizontes. Em primeiro lugar, segundo Esposito, o horizonte que, ao lado do darwinismo, enseja a visão de que o Estado seria um ser vivente exposto as mais variadas ameaças patógenas. Uexhül, na década de 1920, seria um dos responsáveis pelo desenvolvimento de uma visão biologizante da política. O objetivo de Uexhül seria convencer a todos de que as coisas da política deveriam ser conhecidas e administradas tal como se conhece o organismo vivo em sua batalha pela existência. Visão extremamente perigosa e que compõe a assombrosa paisagem política das décadas subsequentes da política alemã. Ao invés de tomar a filosofia nietzschiana como plataforma para reflexão da saúde subjetiva e psicológica de indivíduos que buscam a superação das dificuldades particulares, a visão biologizante da política resultou numa visão racista e de exclusão étnica cujos pavores foram sofridos na carne por homens e mulheres vistos como ameaças a saúde do Estado. Em nenhum momento a filosofia de Nietzsche autoriza a carnificina e uma teoria política voltada para a morte, ela é, isto sim, uma filosofia voltada para a criação de horizontes e de diversidade.

Como Esposito defende, a leitura inteligente sobre a ideia nietzschiana de vida e saúde na política somente foi elaborada nos anos 1970 pelo autor que configura uma mudança decisiva nos rumos da discussão sobre a biopolítica, Michel Foucault. Se inspirando definitivamente na visão de Nietzsche não apenas

sobre a saúde, mas também com relação à história, Foucault foi capaz de perceber que a longa trajetória do debate político não se dava sobre a dinâmica instaurada entre soberano e súdito. A real luta se trava é pela manutenção de um terceiro elemento, o poder. Foucault, a partir de Nietzsche, enxergou que a verdadeira luta não é sobre a pertinência das regras no cenário político, e sim sobre quem ditará as regras e quem continuará vencendo o jogo do poder. Nesse sentido, a definição do que é saudável ou doentio entraria também como um desdobramento dessa luta pelo estabelecimento das regras do jogo. Como resultado, a política em geral aplicada aos corpos não tem sido uma política de saúde subjetiva e de criatividade, ela tem sido uma estratégia de manutenção do poder por meio de uma visão de mundo etnocentrista e, sobretudo, de morte. Nas palavras de Esposito (2016, p. 36):

É como se Foucault se empenhasse num duplo trabalho de desconstrução ou de elisão da narrativa moderna que, enquanto sutura uma brecha aparente, evidencia um deslinde real. Em suma, a recomposição da dualidade entre poder e direito, aprofundada pelo paradigma do soberano, é justamente o que torna visível o conflito, muito mais real, que separa e contrapõe grupos de origem étnica distinta para o predomínio num dado território. Ao presumido choque entre soberania e lei sucede assim o choque, real ao máximo, entre potências rivais que disputam o uso dos recursos e do comando em regiões de diferentes características raciais. Isso não quer dizer em absoluto que falte o mecanismo de legitimação jurídica, mas que este, antes que antecedente e regulador da luta em curso, constitui seu êxito e o instrumento daqueles que em cada vez são os vencedores: o direito não anula a guerra, mas é a guerra que adota o direito para consagrar as relações de força definidas por ela.

Considerações finais

Para concluir, um dos perigos da leitura de Nietzsche é que ele não acredita que possa comunicar uma verdade sem ambiguidade. Além disso, mais de um século nos separam desse autor que abriu os portões do pensamento contemporâneo inspirando de maneira decisiva pensadores não menos criativos e potentes como Heidegger, Jaspers e Foucault. Em todo caso, caberia a pergunta: seria possível uma saúde nietzschiana em pleno século XXI? Se nos tornássemos seguidores, cometeríamos uma violência hermenêutica contra o autor, nos tornaríamos "zeros". Contudo, se o lermos de maneira crítica, podemos resgatar intuições no mínimo inspiradoras. No que diz respeito a noção de saúde, poderíamos despertar para nossa condição de completa e anestesiada domesticação, nosso amolecimento diante de existências mecanizadas, obedientes, entorpecidas e sem luz própria. Ao ler de maneira criativa às canções ambíguas do pensamento nietzschiano poderíamos finalmente quebrar essa espécie de feitiço que nos mantém presos à nossa ignorância e a nossos preconceitos mais mesquinhos. A leitura crítica de Nietzsche no século XXI, assim, pode representar o início de uma jornada rumo a uma vida plena e a uma saúde que afirme a vida e não seu contrário.

Referências bibliográficas

ESPOSITO, R. *Bios. Biopolítica e filosofia*. Trad. Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

FAUSTINO, S. *Nietzsche e a grande saúde. Para uma terapia da terapia*. Tese (Doutorado). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2013.

JASPERS, K. *Introdução à filosofia de Nietzsche*. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Forense Universitária, 2015.

LEFRANC, J. *Compreender Nietzsche*. Petrópolis: Vozes, 2005.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Ecce homo*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Sobre o autor

Graduação em Filosofia UFSC. Mestre em Filosofia e Hist. da Ciência UFSC. Doutor em História Social USP. Professor do Departamento de Psicologia da UFPI.

Recebido em 21/7/2018

Aprovado em 11/11/2018

Como referenciar esse artigo

PEREIRA, Gustavo Freitas. A grande saúde em Nietzsche. *Argumentos: Revista de Filosofia*. Fortaleza, ano 11, n. 21, p. 109-119, jan.-jun. 2019.